

Stadium

N.º 138 ★ 25 DE JULHO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50

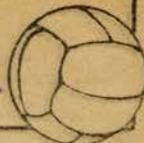


NO CIRCUITO DO OESTE

Na subida de Alenquer, com os corredores em pelotão, trepa-se vigorosamente. Lá em cima, no cume da serra, junto do moinho, há quem não perca o belo espectáculo, seguindo a prova com curiosidade.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

P. 104—Qual é melhor: Pocas ou Moreira?

P. 105—Qual a idade de Artur de Sousa (Pinga)?

P. 106—Qual é melhor: Octaviano ou Serafim?

P. 107—Qual é que tem o «shot» mais certo: Lourenço, do Porto, ou Lourenço, do Estoril?

P. 108—Qual é o jogador português que, em jogos internacionais, marcou o goal a maior distância?

P. 109—Qual é melhor: Correia Dias, em forma, ou Julinho? (De Manuel Ferreira Tinóco, um grande admirador da Stadium).

R. 104—Embora se trate de jogadores na curva descendente, Moreira é francamente melhor, no presente altura.

R. 105—Lá para Setembro completará 36 anos.

R. 106—Serafim. Trata-se de um jogador, no sistema moderno, muito útil.

R. 107—Qualquer deles, quando marcam goals...

A. 108—Não sei responder-lhe. Em jogos com estrangeiros, lembra-nos um goal de Alfredo de Sousa, do Sporting, a uma distância infinita...

R. 109—Isso da forma serve para desculpar muita coisa.

P. 110—A Espanha começou primeiro, e depois de nós, a disputar campeonatos organizados?

P. 111—O futebol espanhol não será, por enquanto, superior ao português? (De um que gosta do futebol de Espanha).

R. 110—Já em 1902 se disputava o Campeonato de Espanha...

R. 111—Sim. Ouvimos uma opinião curiosa há dias: que a Espanha tinha presentemente melhores jogadores e piores teams...

P. 112—Qual dos jogadores será melhor: Albano ou Teixeira?

P. 113—Moreira ou Barrosa?

P. 114—Julinho ou Cabrita?

P. 115—Rafael ou Catolino?

(De Vilor Rosendo, um desportista arrifanense do grande Colégio Universal).

R. 112—Albano é melhor do que Teixeira à ponta esquerda. Teixeira é melhor do que Albano no pósto de interior esquerdo.

R. 113—Moreira leva vantagem a Barrosa em certos aspectos do jogo. Barrosa tem qualidades que Moreira não possui. Em certo momento e para certo desafio, um deles pode ser melhor do que o outro...

R. 114—Cabrita já é melhor. E tem um grande futuro na sua frente.

R. 115—Valores sensivelmente iguais.

Assine a STADIUM

A FÓRMULA DOS DOZE

NÃO admira que um assunto tão importante como o da nova regulamentação dos campeonatos nacionais provoque tão grandes burburinhos, que o seu barulho se consiga ouvir em toda a parte, de norte a sul. Menos admira que as Associações, e especialmente os clubes, se interessem pelo facto que directamente os afecta. A verdade, nua e crua, é que toda a gente se está a interessar vivamente pela questão, alinhando num ou noutro lado do movimento. De resto, vendo bem as coisas, todos estão concordes num ponto:

Que chegou a altura de aperfeiçoar a mecânica dos campeonatos. Simplesmente — uns querem ir longe demais, levados um pouco pela fantasia. Outros — não querem dar um passo, sentindo-se bem no comodismo em que vivem. Outros ainda — pretendem alcançar o ponto devido, numa orientação tendo em vista as realidades e as necessidades do futebol.

O Projecto da Federação provocou mais celeuma do que calculávamos. Razões? — A principal, é que elle enferma de um vício de origem. O ponto de partida dos 14 clubes é falso, nem sequer marcado pela audácia. A forma como os 14 estão distribuídos dá-lhe, logo à partida, um ar de compadrio e favoritismo que é o suficiente para o condenar de alto a baixo. Os clubes, cada vez que miram mais atentamente o Projecto, mais curiosamente se interrogam:

Mas como é possível semelhante distribuição de concorrentes? A solução está à vista. Embora sujeitando-se a tombos económicos, parece-nos indiscutível a idéa do alargamento. Mas o salto não pode ser nem brusco nem fantasista. A idéa de alargamento tem de ter como base a expansão do jogo. Portanto — votemos todos nos 12 clubes. E nesta fórmula, a solução aparece com uma impressionante clareza. Se se quiser dar corpo imediato à idéa, deixe-se estar os que já lá estavam, dando-se representação a duas Associações ainda não representadas. Isto sim — é sério.

A TAÇA DE PORTUGAL

A Associação de Lisboa já anunciou os seus pontos de vista: *pro-campeonato distrital, pelo alargamento da Primeira Divisão, e contra a Taça de Portugal.*

Realmente a Taça de Portugal, dados os moldes financeiros em que assenta, começa a ser observada de olhos tortos pelas Associações e pelos clubes. Estes pensam lá com os seus botões:

Desde que se tem de sacrificar um torneio, que, ao menos, desappareça aquêlle que menos nos interessa.

Mas a Taça de Portugal já criou raízes entre nós, e não faria sentido que desaparecesse uma competição de modelo a eliminar, um campeonato que completa outro, dando harmonia ao conjunto da época. O que talvez seja vantajoso é transformar-se as duas mãos de cada eliminatória num só jogo e em campo neutro. O figurino, tal como se encontra, é de caça ao dinheiro, e mais nada. Pensemos uma vez por outra no aspecto desportivo das coisas.

CAMPEONATO DE LISBOA

A abolição do Campeonato de Lisboa representa um pesado sacrificio financeiro. Não obstante, com o *alargamento* da Primeira Divisão do Campeonato Nacional, elle está condenado na sua fórmula actual. Parece que encontramos um meio de o salvar, atenuando ao mesmo tempo o mal das finanças.

Porque não adoptar a fórmula a eliminar para o Campeonato de Lisboa, alargando a Divisão de Honra para 8 clubes e resolvendo o problema da competição em 3 domingos?

UM CASO PITORESCO

Como os boatos se desenvolvem...

AQUI há tempos — há bom tempo — a notícia chegou ao nosso conhecimento. Era uma notícia simples — mas de certo modo profunda:

Cabrita, o excellentes avançado-centro do Olhanense, um jogador a quem Olhão quer como as meninas dos seus olhos, abandonava o seu clube e vinha para o Sporting.

A notícia surpreendeu-nos. Mas enfim...

Passaram-se tempos e tivemos conhecimento de outra versão:

Cabrita, o jogador mais em foco nas últimas épocas, viria para Lisboa, mas trocava o caminho do Benfica pelo do Sporting.

Esta notícia, em que também

não acreditámos, era — mais uma versão.

Os dias continuaram a correr, e por desgraça nossa, cada vez mais velozes, chegando-nos agora a mesma notícia vestida de outra maneira:

Cabrita, uma das melhores revelações dos últimos tempos, se puser o pé em Lisboa irá parar ao Belenenses.

Tornamo-nos eco destes ecos — por simples curiosidade. E como exemplo de um boato em circulação centrifuga...

Há uma coisa a que todos os jogadores estão sujeitos: a lei das transferências. Essa não abre brechas. Por enquanto...

O Desportivo de Estarreja

Iniciativa que merece a simpatia da Bola

POR motivos que não vêm para o caso contar — nós conhecemos Estarreja e o seu movimento do futebol.

Dir-se-á: mas a terra conta no quadro da Organização?

Pois fique sabendo: há um bom par de anos, Estarreja tinha um clube razoável e um team entusiástico, donde se desprenderam eles para outras povoações, e mais importantes.

Aquêles desafios disputados numa volta da estrada, já na despedida de Estarreja e em pleno campo, eram uma coisa falada! Os clubes tripeiros ou aveirenses que se aventuravam à jornada passavam um tormento. Porque em Estarreja, como em outras terras da Província e como em toda a parte — porque não dizê-lo? — a divisa era vencer, e vencer mesmo com infracção às Regras do Jogo.

Mais tarde — o futebol morreu em Estarreja. O terreno de futebol ficava ao lado da casa de um juiz de direito — homem inteligente mas avesso às coisas desportivas — e cada vez que a bola caía na sua horta tocavam os sinos a rebate. E semelhante luta não podia terminar de outra maneira: as balizas desapareceram um dia do campo, e a bola, de triste e magoada, morreu à minguagem de poiso e de pontapéis.

Mas o que nunca deixou de haver em Estarreja, concelho de um distrito onde o jogo se encontra muito espalhado, foi o gosto pela bola.

Tinha de ser, um dia ou outro. O Clube Desportivo de Estarreja é um facto. E as notícias não podem ser mais prometedoras. A Comissão Organizadora já adquiriu, de arrendamento, um vasto terreno, que está a ser adaptado a campo de futebol e de outros desportos.

Para as primeiras despesas das obras de adaptação está em curso uma subscrição pública, cujo montante anda à volta de doze contos.

A Camara Municipal, seguindo as modernas directrizes, prometeu à Comissão Organizadora que, no seu Orçamento para 1946, seria votada uma verba para ajudar as despesas das referidas obras, que estão orçadas em cerca de cinquenta contos.

Uma palavra final. Estando a Federação de Futebol em maré de subsídios (auxiliando até os Clubes Poderosos) não seria de auxiliar também uma iniciativa com visos de êxito, já que as raízes se querem estender e penetrar bem no futebol português?

"FLECHA"

é a melhor bicicleta

A taça "SILVAO LOUREIRO"

Fazem-se algumas considerações oportunas sugeridas por este torneio de espada e comenta-se a prova e a acção dos concorrentes

POR AVELAR MACHADO

DISSEMOS há dias, ao indicar o vencedor individual do torneio da taça «Silvaio Loureiro», que voltaríamos no assunto com alguns comentários.

Vamos desenvolvê-los — possivelmente de certo modo pessimistas, pósto que o torneio desiludiu-nos, sob diferentes aspectos, e trouxe-nos à mente algumas considerações que, embora estejam no espirito de todos os verdadeiros amigos da esgrima, têm tardado em ser sinceramente proclamadas.

Salta à vista de quem quizer ver: o nível técnico das nossas provas de espada desce nitidamente de época para época. Se excluirmos os internacionais Meyer, Silveira e Sasseti, e Arménio Lopes, Vasco do Couto, Veiga Ventura, Carlos Dias e alguns poucos mais, verifica-se, regra geral, que a maioria dos nossos espadistas limita-se a procurar — melhor dito: a esperar — que os adversários se «espetem» na sua ponta rigidamente em linha, sem outros vislambres de técnica, incapazes de recorrer a toda a gama de paradas ou ataques que os mestres ensinam. Não compreendemos como, tendo os portugueses intuição notável para este difícil desporto e possuindo professores acima de todas as críticas, não desenvolvem na espada como no florete e até no sabre a esgrima correspondente àquela aptidão e ao ensino que recebem. Decaimos — mas decaimos de modo confrangido.

Temos procurado não ser pessimista nestes quinze ou dezasseis anos que levamos de comentador despretensioso e propagandista ferrenho do belo desporto das armas. Mas devemos confessá-lo sinceramente: sentimo-nos desanimados... A esgrima, modalidade na qual se chegou a posições brilhantes em inúmeras pugnas internacionais, está a perder-se em Portugal. Desapareceu o entusiasmo, o abnegado espírito de sacrifício dos seus cultores, o respeito absoluto pela palavra autorizada dos mestres, que até há vinte anos eram pormenores tão indispensáveis quanto produtivos para a formação do escol homogêneo de atiradores olímpicos que conseguimos.

Por outro lado, as salas de armas «vegetam» numa vida sem dinamismo, com todo o possível «élan» quebrado pelas dificuldades de ordem material que encontram, pósto que entre nós não beneficiam do menor auxílio oficial, apesar da categoria do desporto que cultivam. Pode dizer-se, sem possibilidades de desmentido, que nos últimos anos não se produziram atiradores novos, de valia, nas nossas salas — com excepção para a «Mocidade Portuguesa», mas esta precisamente a única cujas condições de trabalho, por ser uma organização a que o Estado dá o seu concurso, podem desenvolver-se produttivamente, com êxito.

E a «Mocidade» faz recordar o exemplo magnífico da lamentavelmente extinta Escola de Educação Física do Exército, à sombra de cujo trabalho vive hoje muito a esgrima entre nós.

Todo este panorama não pode, é evidente, deixar de produzir os seus efeitos na acção coordena-

dadora da Federação de Esgrima. Durante muito tempo sarpreendeu-nos a indiferença que os esgrimistas tinham pelos esforços de quem trabalhava na F. P. E.. A sua actividade só era objecto de atenção quando se tratava de reclamar... Depois, passámos a considerar aquela indiferença como o reflexo natural da vida das salas de armas, porquanto esta é também muito prejudicada pela falta de espirito associativo que caracteriza os portugueses.

Só assim se explica, se é de admitir uma explicação, que a F. P. E. viva em regime paupérrimo de recursos, deambulando por favor de sala para sala ao pretender disputar os seus torneios, sem conseguir a colaboração de mais de dois ou três (?) elementos aceitáveis para dirigir os júris das provas de florete e sabre.

Nestas condições, como pode progredir um desporto, demais com as características tão particulares que envolvem a esgrima? Como é possível, ao menos, manter-se aquêle nível elevado que a distinguia até há poucos anos? Como podemos deixar de ser, enfim, pessimistas, em relação ao futuro, se vemos as salas de armas de mais brilhantes tradições remetidas a uma actividade manietada pela carência de meios, vivendo unicamente de quotizações limitadas, ganis equilibradas sem maromba, obrigadas algumas ao recurso de subscrições constantes entre o escasso número dos seus atiradores e alanos, para cobrir um «deficite» crónico?

Por muito boa vontade que houvesse — e não há! — era impossível progredir nestas condições!

Sentimo-nos absolutamente à vontade para deixar aqui estas

palavras de desabafo. Sinceramente, orgulhamo-nos de figurar no escasso número dos que mais se têm dedicado a trabalhar pela esgrima nos últimos quinze anos, com sacrificios de toda a ordem — sem a compensação consoladora de ver tanto trabalho a florescer sequer no seu mais insignificante pormenor. E nada se nos depara que dê a esperança de ser modificada esta desanimadora situação...

A esgrima submergir-se-á em Portugal se não se tomarem medidas energéticas, decisivas, que a arranquem do declínio pelo qual desce lenta... mas seguramente!

Não hesitamos em apelar para o sr. director geral de Desportos — esgrimista brilhante no seu tempo e professor dos mais distintos de hoje.

Voltemos à disputa da taça «Silvaio Loureiro».

O torneio enferma de um regulamento que, por força dos «handicaps», conduz a assaltos jogados a 3 e 5 toques efectivos. É simpático o principio de pretender dar aos iracos a «chance» de se baterem de igual para igual com os fortes, mas devia ser objecto de estudo cuidadoso, para evitar a diferença existente entre muitos dos combates, o consequente desequilíbrio na sua condução — e ainda a discutível contagem de toques recebidos, principalmente adoptando-se o sistema agora pósto em prática.

Daqui, a necessidade que uma parte dos concorrentes tem de defender de qualquer modo a sua posição, como outra parte a de aproveitar «fariosamente» a vantagem com que entra na «prancha». Isto torna o torneio muito duro — e ocasiona a longa série de maus assaltos, que nem na final, que devia traduzir o

máximo de selecção, deixou de se verificar.

Entre os excluídos nas eliminatórias merecem referência: A Santos Silva, bom e correcto atirador; Bastorff Silva, pelo decidida resistência que opôs a H. Silveira num emotivo assalto; e Cruz Ferreira, outro bom esgrimista.

As meias finais ditaram a eliminação de Veiga Ventura, que jogou contraído e como sempre «garrado» à parada; de J. Cruz, que um desagradável acidente, felizmente sem consequências, impedia de disputar os dois últimos assaltos; de A. Bayard, J. Nogueira e J. Palhoto, dos quais o segundo foi ainda o melhor esgrimista; e do sóbrio F. Pereira, que esteve uma sombra do vencedor da quarta eliminatória...

A final decorreu com irregularidade, sem emoção e sem beleza. A desistência de H. Silveira, constringido a abandonar a «poale» por se lhe terem avariado todas as espadas, anulou a desejada expectativa.

O material dos atiradores — «que se armam a seus riscos e perigos»... — falseou muitos dos resultados e gerou certo ambiente de nervosismo, que influiu na exibição dos concorrentes. A certa altura pretendeu-se interromper a «poale», mas os delegados das salas, chamados a resolver, preferiram por maior, continua-la.

Vasco do Couto e Arménio Lopes, acompanhados de perto por João Sasseti, foram de novo os atiradores que exibiram melhor esgrima — dentro da técnica da arma. Luís Beltrão, resistente e esforçado, afirmou mais uma vez poder transformar-se num espadista forte. Paiva e Pona, bom esgrimista, não esteve inspirado de todo — o que é de aceitar, pois não se dedica à prática da espada. Melo e Castro, ainda difícil, baixou no pormenor regularidade. Lamy de Almeida e António Coito jogaram dentro do nível habitual das suas exhibições — desta vez encorajados pelos «handicaps» a que a sua categoria lhes dava direito.

Já referimos no nosso último número o apuramento effectado para o 1.º lugar individual, que coube a Luís Beltrão.

O parecer do conselho técnico da F. P. E., baseado no regulamento da F. I. E., resolveu depois a classificação dos restantes concorrentes, como segue:

O 2.º lugar é ocupado por Paiva e Pona, visto que adquiriu resultado efectivo superior ao de Arménio Lopes (2.º do quadro A.) Paiva e Pona não terá de jogar com qualquer dos atiradores do quadro B, visto que em cada quadro a classificação é definitiva.

O 3.º lugar pertence a Lamy de Almeida, que, se completasse todos os assaltos, teria como pior

(Continua na página 13)

RUGBY — Uma festa no Belenenses

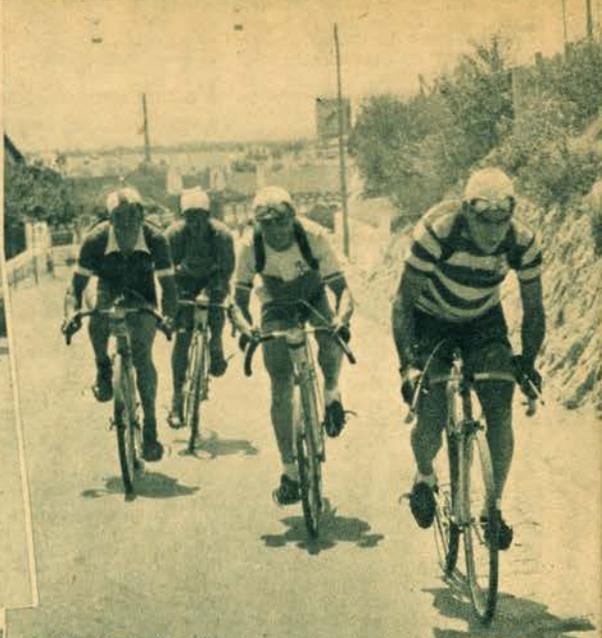


O Belenenses prestou há dias homenagem à sua equipa de «rugby», que conquistou o título regional da modalidade. A gravura foca um momento do «vinho de honra» que lhes foi oferecido, vendo-se entre os presentes o dr. Oclávio de Brito

ALGUMAS DAS MELHORES FASES



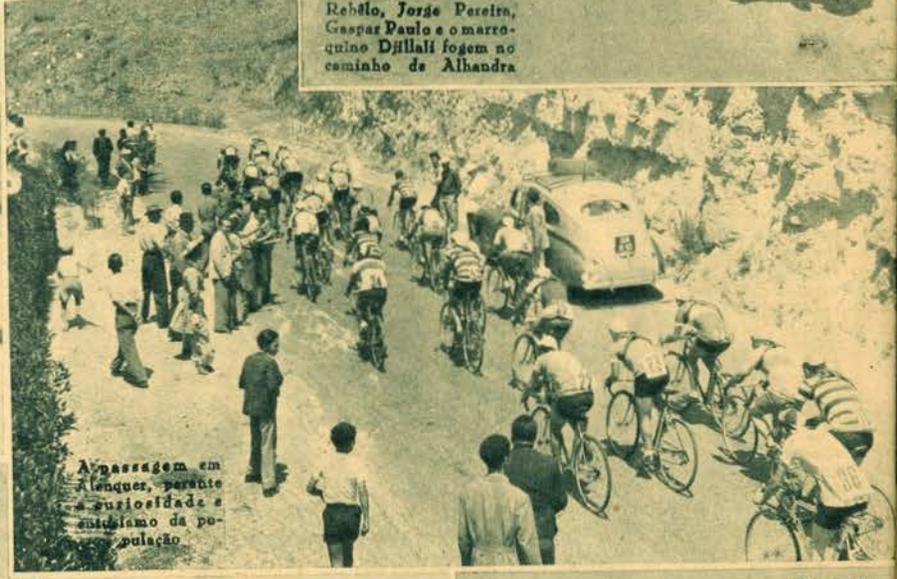
Os corredores acabam de partir para a primeira tirada



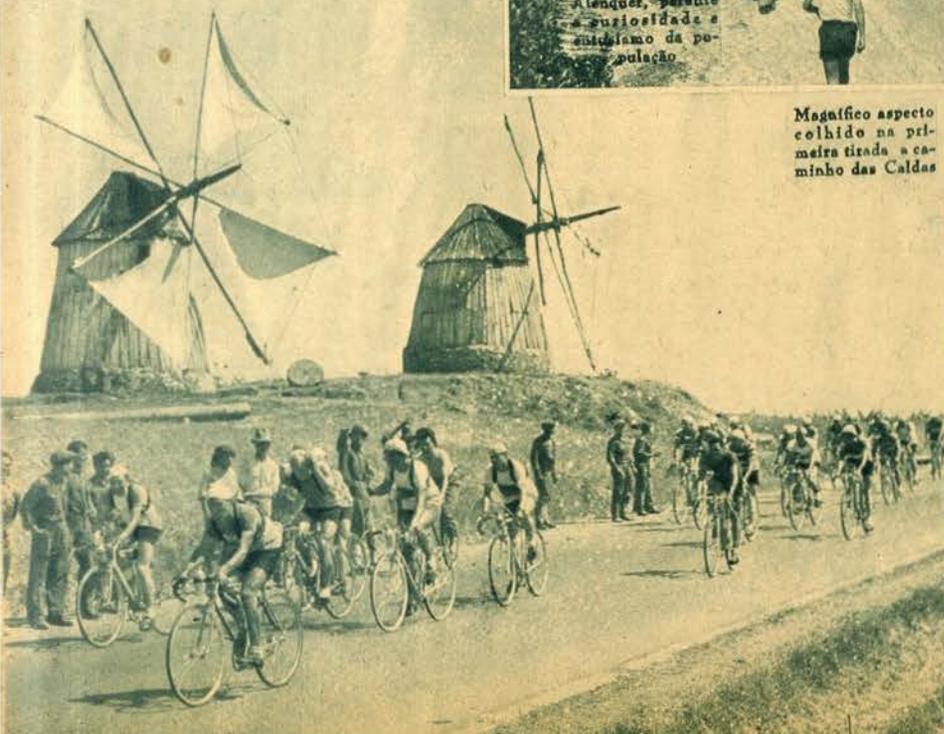
Rebêlo, Jorge Pereira, Gaspar Paulo e o marroquino Dillali fogem no caminho de Alhandra



Milondí e Mahomed tentam recolocar ao pelotão, na estrada para as Caldas



A passagem em Alenquer, perante a curiosidade e entusiasmo da população

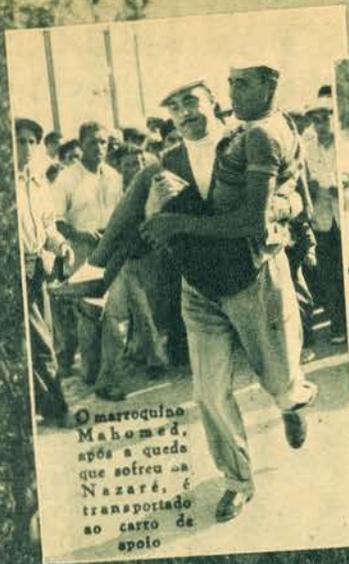


Magnífico aspecto colhido na primeira tirada a caminho das Caldas



Jorge Pereira isolado, segue na fuga, a 1 quilometro do Cer

DO CIRCUITO DO OESTE



O marroquino Mahoméd, após a queda que sofreu em Nazaré, é transportado ao carro de apoio



Mas breves se recompôs — e ele-lo de novo em marcha



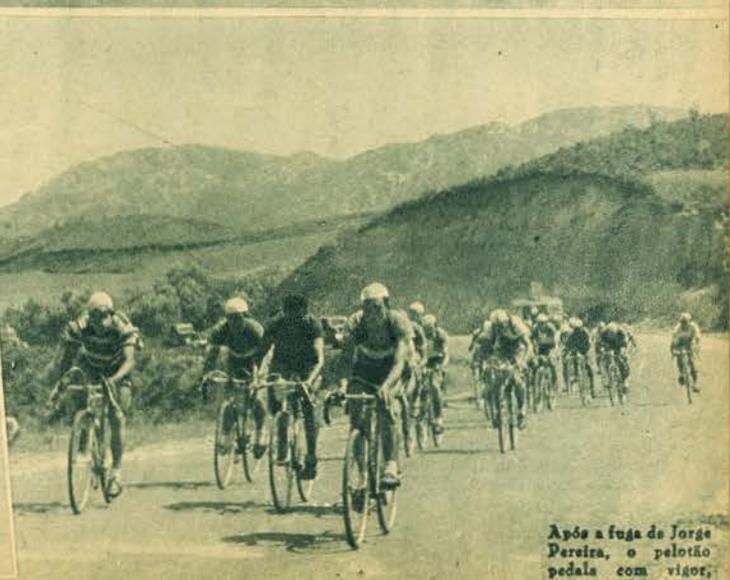
Na caminhada para Alfelzerão, Fernando Motola vê-se atrasado por um furo



Passagem dos corredores em pelotão, entre o Cercal e Ota



Cruzando o Arnoia, a poucos quilômetros das Caldas



Após a fuga de Jorge Pereira, o pelotão pedala com vigor, tentando alcançá-lo

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

A Direcção Geral de Desportos comunicou, numa recente circular, uma determinação da

maior importância na série de disposições moralizadoras que aquêle organismo tem promulgado, no firme propósito de corrigir os vícios e erros do meio desportivo português.

Apesar de todos os esforços em contrário, dos quais o mais eficaz e rigoroso foi sem dúvida a torneira fechada ao caudal das transferências, reconheceu-se, com provas averiguadas, que os costumados dirigentes sem capacidade realizadora prosseguiram no seu empenho de aproveitar, por vantagem de recursos materiais, o rendimento do trabalho de outras colectividades mais conscienciosas do que ricas.

Como a interrupção do regime de transferências tornou impossível a caça aos desportistas federados, os caçadores menos escrupulosos viraram as suas atenções para os rapazes em via de preparação e com boas provas dadas em certas escolas clubistas, mas que por estarem abaixo do limite mínimo de idade não se encontram ainda filiados. E vá de tentá-los com aliciantes promessas, dá mais condável influência em espiritos juvenis.

Informada do facto, a Direcção Geral determinou que a inscrição e frequência de tais menores numa escola de ensino, mandada normalmente por um clube, seja considerada equivalente a uma inscrição oficial pela colectividade que mantém a referida escola.

Agora, com mais fortes razões ainda, cada agremiação desportiva sente defendido o seu trabalho e terá o futuro que merecer a sua acção presente.

NO ESTRANGEIRO

Nenhum dos países em guerra interrompeu, até ao limite das suas possibilidades, a actividade

desportiva da juventude. Alguns, os mais poderosos e avançados na divulgação do desporto, quasi nem acusaram, durante os primeiros anos, a influência de uma situação anormal que lhes roubava para longínquas paragens centenas de milhar dos seus melhores elementos.

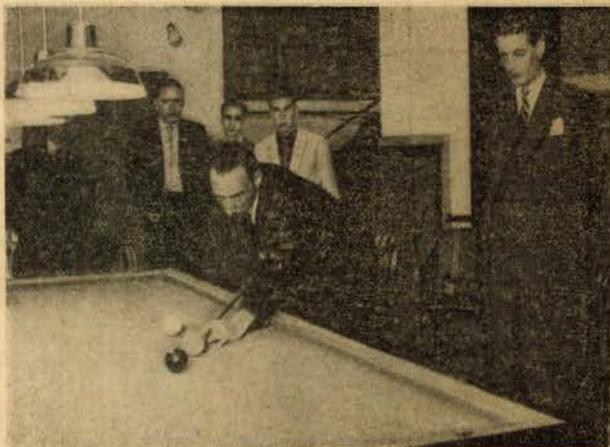
Mas a insistência do tempo acabou por vencer e, em todo o mundo, os resultados baixaram de nível. Até nos Estados Unidos, alfove riquíssimo de atletas extraordinários, as marcas dos últimos campeonatos aparecem nalgumas provas nitidamente abaixo do nível habitual.

Eis alguns exemplos: Rafferty venceu os 5000 metros em 15 m. 22,3 s., e Bright as duas léguas em 33 m. 53 s.; o campeão do decatlo, Mondschein, somou 5748 pontos—e nas restantes marcas são raras aquelas que não acusam declínio em relação aos anos precedentes.

Em 1943, Davis ganhara os 100 e os 200 metros em 10,3 s. e 20,2 s.; na época passada, Young e Parker sucederam-lhe com 10,5 s. e 21,3 s.; houve melhoria apenas nos 800 m. (Kelley, 1 m. 51,8 s.); no triplo-salto (Barksdale, 14,398 m.; no ano precedente, Brown com 13,843 m.); no disco (Cannon, 49,40 m., contra 49,12 m. em 1943); no marleto (Dreyer, 50,76 m. contra 50,16 m. em 1943); no dardo (Biles, 64,31 m. e anteriormente 61,69 m.).

Na temporada em curso, antes ainda de celebrados os campeonatos nacionais, apontam-se alguns resultados interessantes, como os 4,26 m. do novo saltador à vara Moore e os 16,25 m. do lançador do péso Bangert.

BILHAR — Campeonato de Lisboa



Disputou-se há dias o Campeonato de bilhar de Lisboa, 2.ª categoria, em quadro 45/2. A vitória pertenceu ao dr. Francisco Branquinho, que se exibiu brilhantemente e que a gravure mostra em acção. No nosso próximo número comentaremos este torneio.

Stadium

O combate BOWEN-BURKE

ou a luta de maior duração que se verificou nos «rings»

RECEBEMOS há pouco uma carta expedida de Piso do Minho, cujo autor, mau grado nosso, não conseguimos identificar pela assinatura.

Trata-se de mais outro leitor afeiçoado às nossas divagações sobre pugilismo, que nos vem confessar o seguinte:

«A pessoa que lhe escreve nunca viu um combate de boxe a não ser no cinema. Sou, portanto, um leigo em tal matéria. Devo, porém, confessar-lhe que sou assíduo leitor das suas crónicas da especialidade, mormente daquelas em que evoca os tempos antigos».

A seguir, tem a gentileza de nos informar que topou com determinado episódio relativo ao jogo do sóco, durante a leitura de um livro (*Believe it or not...*) do jornalista e desenhador norte-americano Bob Ripley.

Leva a sua amabilidade, que muito nos penhora, ao ponto de copiar o texto em inglês, sugerindo que lhe dêmos publicidade se acaso disso o julgarmos merecedor.

Agradecendo efusivamente ao nosso solícito correspondente, comunicamos-lhe que o episódio relatado no livro de Ripley era já nosso conhecido (também possuímos o *Believe it or not* na mesma edição de aligeira...) e apenas não houvera oportunidade, nem espaço, para o relatar nos colunas desta revista.

Também desejamos pôr em foco a circunstância pouco banal de haver quem aprecie reportagens e crónicas sobre assuntos de boxe sem jamais ter assistido, de visu, a um combate de sóco. Quanto a nós, revela vocação e tendência espontâneas que talvez sirvam para explicar o muito que o jogo do boxe tem de humano e artístico.

Passemos, porém, ao episódio. Trata-se do combate de sóco mais duradouro que a história regista.

A 6 de Abril de 1893, um mulato de Nova Orleães, Andy Bowen, combateu contra Jack Burke, do Texas, a fim de disputarem o título de campeão dos pesos médios da Luisiana e dos Estados do Sul.

Bowen ficou célebre nos fastos do pugilismo como um homem de aço. De facto, a 29—12—1891, lutou contra Austin Gibbons durante 48 assaltos, perdendo por *knockout*.

PUGILISMO AMADOR

A taça «Mário de Noronha» a disputar na próxima época

Com o fim de fomentar a expansão do pugilismo amador, o sr. Mário de Noronha antigo componente das nossas equipas olímpicas de espede e conhecido dirigente desportivo, ofereceu à Associação de Pugilismo de Lisboa uma taça, para ser disputada na próxima temporada.

A A. P. L. resolveu pôr-lhe o nome do ofertante e oportunamente tornará público o regulamento do torneio.

A 31 de Maio de 1893, a menos de dois meses do combate que sustentou contra Burke, subiu ao ring para cruzar as luvas com Jack Everhardt, em Nova-Orleães. Durante 85 assaltos (5 horas e 29 minutos...) o mulato agüentou os rudes e violentos ataques do antagonista, ganhando por *knockout*.

Infelizmente, o organismo humano não pode resistir a tanta violência e a 14 de Dezembro de 1894 Andy Bowen subiu pela última vez a um ring, Defrontava Kid Lavigne, que o pôs *knockout* ao 18.º assalto. A queda foi tão desastrosa que originou uma hemorragia cerebral e no dia imediato falecia o desditoso jogador.

Resta-nos dizer que além destes combates de extensa duração houve outros igualmente longos. Por exemplo: o que Dal Hawkins e Fred Bogan (ao *finish...*) travaram a 4 de Junho de 1899, em S. Francisco.

No primeiro dia, a luta durou 75 assaltos e no imediato teve mais 15, ganhando Hawkins por *knockout*.

Outro combate idêntico jogou-se entre Frank Crosby e Harry Sharpe, em 1893. Durou 5 horas e 5 minutos e teve 77 assaltos. Disputavam o título de campeão de pesos leves do Missouri e 500 dólares.

No 76.º assalto os dois pugilistas atacaram-se a fundo e foram ambos ao chão. Crosby deu com a nuca no solo e levantou-se entontecido; o adversário recuperou.

No assalto seguinte Sharpe venia por *knockout*.

O curioso é que o árbitro Willie Green estava ao 65.º round tão extenuado que deixou o quadrângulo—e os restantes assaltos disputaram-se sem ninguém a dirigi-los!

Resta falar agora do encontro Andy Bowen—Jack Burke.

Realizou-se a uma quinta-feira, 6 de Abril de 1893, no Olympia Clube, e dezenas de milhares de espectadores assistiam à pugna.

Pelas 21 horas e meia, o árbitro, Jack Duffy, deu começo à acção. No 25.º assalto Bowen encaixava dois golpes à cabeça que por pouco o não abateram. Burke foi saecido ao 28.º e desde então, até ao 45.º, o combate tornou-se monótono e sem interesse.

No 48.º round Burke tombou e esteve a ponto de perder por *knockout*.

Ao bater da meia-noite a maioria dos espectadores regressou a casa.

Finalmente, ao cabo do 110.º assalto, o árbitro parou as hostilidades e pronunciou o combate anulado, que a imprensa e a opinião pública transformaram num empate, decisão muito mais justa. O tempo de duração desta extraordinária luta foi de 7 horas e 19 minutos. Principiu, conforme se disse, às 9 horas e meia da noite de quinta-feira, terminando às 4 horas e 49 minutos do dia imediato...

Concordemos em que tal selvajaria ultrapassa os limites do desporto—e do bom senso.

RAFAEL BARRADAS

O "CIRCUITO DO OESTE"

foi ganho brilhantemente por João Lourenço, do Sporting, vencedor também da primeira, segunda e quarta tiradas

João Rebêlo, Jorge Pereira e Jorge Moreira classificaram-se a seguir ao sportinguista e Driss triunfou na 3.ª tirada

O mesmo ambiente de carinho que rodeia as partidas para as «Volts a Portugal», mas desta vez com certo cunho de saúde, verificou-se durante os preparativos de largada para o Circuito do Oeste — a magnífica prova posta de pé, corajosa e triunfalmente, pelo trio Sporting-Illuminante-Lisgás. Ao Estádio do Lumiar, onde se concentraram os corredores; à avenida Alferes Malheiro, de onde estes partiram; às localidades disseminadas ao longo do percurso da primeira e segunda etapas e, ainda, aos locais onde as mesmas terminavam, afluíram alguns milhares de pessoas, animadas de entusiasmo pouco vulgar e comprovativo de que não erramos ao emitir a opinião de que o ciclismo é, entre nós, a modalidade de maior voga — depois do futebol.

Uma etapa para medir forças

Como se esperava, a primeira etapa do Circuito do Oeste, que findou no campo do Atlético Marinhense, foi, a bem dizer, uma prova de ensaio, aproveitada pelos portugueses e marroquinos para medirem forças. Os estrangeiros, no seu estilo fácil e perfeito — rolando com ligeireza e utilizando pequenos «andamentos» — foram os primeiros a ensaiar a fuga, não decerto para se isolarem, mas apenas com o intuito de apreciarem a reacção dos portugueses.

Inteligentemente e porque possuíam superioridade numérica, os nossos corredores responderam aos ataques, mandando para a frente os elementos de segundo plano.

A mesma tática, afinal, usada pelos espanhóis contra os portugueses na «Volta a Espanha» foi agora utilizada por estes em relação aos marroquinos. De quando em quando escapava-se um lusitano, a fim de obrigar os adversários a queimar energias, numa série consecutiva de «caças», sempre faticosas e inglórias.

Na tarefa de perseguir os portugueses evidenciou-se Milondi, rapaz de pedalar elegante e ligeiro — que foi afinal o «sacrificado» da tirada, atrasando-se também para «rebocar» o seu companheiro Mahomed, que sofria horrivelmente dos músculos, muito anquilozados por via da inactividade forçada a que a viagem o obrigou.

Uma equipa técnica e atlética — muito valiosa

Sem possuir elementos que individualmente possam impressionar, a equipa de marroquinos mostrou, nesta primeira etapa, que tem valor. Os seus componentes sabem correr e provaram que, de facto, possuem «escolas». Driss, que «furou» pouco depois da partida, fez uma «caça» valorosa, rolando com relativa facilidade.

Djillali também respondeu sempre de pronto aos ataques dos adversários, apenas acusando fadiga na última dezena de quilómetros de estrada de mau piso e Milondi, se não fôra a missão que a si próprio impôs de auxiliar Mahomed, em dia infeliz, também teria pôsto de merecimento.

Os novos tiveram dia grande na primeira tirada do Circuito. Tavares da Silva, agora já no ambiente que lhe é propício — as provas de estrada — jamais cedeu durante a tirada, chegando ao

campo do Atlético Marinhense entre os primeiros.

António Maria Junior, Gaspar Paulo, Ernâni Ribeiro, Pinto Ribeiro, Carlos Quadros e M. Pinguinhas classificaram-se a escassos segundos do vencedor.

Aristides Paulo também não destoaria de semelhante conjunto, de tão bons resultados, se um «furo» já perto da meta o não tivesse atrasado. Auspiciosa estreia, na categoria de independentes, a deste lote de jovens, futuros substitutos dos «ases» agora em actividade, que decerto sentirão o seu brio espedido pela fogueira das novas revelações.

Corrida de mestres

Todos os homens que se sentiam com probabilidades de ganhar este Circuito fizeram prova discreta, a tatear forças, agora um pouco «descontroladas», devido à sua actividade de alguns dias se ter cingido às corridas de pista. Por isso não houve ataques muito cerrados, persistentes e feitos a «dar tudo por tudo».

João Rebêlo, Rocha e José Ferreira ainda tentaram a sorte, mas como houve sempre quem lhes desse réplica, «ficando-lhes» nas rodas, entre outros, Djillali, Gaspar Paulo e Jorge Pereira, breve renunciaram à luta, guardando-se para os ataques no final da tirada.

Logo que as iniciativas acima citadas falharam e a de Jorge Pereira, tentando isolar-se a 100 quilómetros da chegada, se tornou também ineficaz, a vitória de Lourenço, obtida na derradeira embalgem, surgiu como lógica e normal.

Há todavia que assinalar a maneira inteligente como foi preparadas por Aristides — que obrigou Lopes a rebocar Lourenço, para não perder contacto com a frente do pelotão; há também que pôr em evidência a reacção de Lopes, tentando «remontar» o sportinguista na recta final; e há ainda que tecer elogios à maneira voluntariosa como Inácio, Jorge Pereira, Jorge Moreira, este infeliz na jornada, Rebêlo e Rocha lutaram para conquistar os prémios da tirada, vencida no tempo de 5 horas 18 minutos e 33 segundos.

Marinha-Sangalhos, etapa excelente

Lutou-se com brio e vontade na segunda etapa, que terminou em Sangalhos. Partindo da Marinha empatados na classificação, muitos dos estradistas que se sentiam com probabilidades de fazer valer os seus méritos embrenharam-se de tal maneira na pugna que, no final da tirada, as diferenças de tempo eram já bastante acentuadas.

Aos marroquinos, primeiro, a João Rebêlo depois; mais tarde ao alenquerense Gaspar Paulo — autor da fuga que deu ensejo ao desbaratamento do pelotão; e por fim a Eduardo Lopes e Lourenço se

devem as fases mais brilhantes da corrida, sob o aspecto de luta movida com o fim de se adiantarem aos adversários. Por seu lado, ao jovem Carlos Quadros e a Manuel Rocha pertencem as honras de serem os que, com maior perseverança, se comportaram de forma a anular atrasos provocados por avarias mecânicas.

De facto, a primeira metade da corrida foi dos marroquinos Driss, Djillali e Milondi, que, em tentativas de fuga, estabeleceram bastas vezes pânico no pelotão. Mas Rebêlo, no seu estilo possante e com a habitual combatividade, tornou-se o mais brilhante corredor da parte final da corrida.

Menos espectacular, mas sempre eficaz no seu «passo» duro, Gaspar Paulo foi um bom colaborador de João Lourenço na fuga que os dois mantiveram. E Rebêlo, que tanto havia lutado para desmantelar o pelotão a caminho de Coimbra, acusou o toque no empedrado da estrada da Mealhada.

A recuperação feita por Eduino Lopes, depois do desfalecimento que teve antes de Coimbra, arrastando o pelotão dos atrasados, ficou sendo uma das melhores proezas da etapa. E a maneira como Jorge Moreira e Quadros reagiram para «recolar» após os «furos» também é digna de registo, sobretudo como demonstração de perseverança.

Embora não tivesse sido de sua iniciativa a fuga que lhe deu a vitória, João Lourenço pode, de facto, considerar-se um justo vencedor da tirada, e isto porque, dos quatro fugitivos, foi ele o mais regular e até o mais combativo.

Comportamentos de valor

A terceira etapa, que terminou apoteoticamente na Lourinhã — que recebeu a caravana com fidalga gentileza — embora não tivesse a movimentação da antecedente, proporcionou todavia fases bastantes animadas e uma final deveras emocionante.

Cobriram os corredores 35 quilómetros na primeira hora e no conjunto da etapa a média geral ficou em mais de 30 quilómetros horários.

Djillali chegou a ser um corredor com comportamento brilhante, a recuperar atrasos motivados por furos. João Lourenço portou-se com tenacidade quando teve de perseguir um pelotão de fugitivos esgueirados na altura em que ele ficou a reparar uma avaria, e Aristides Martins soube mais uma vez compreender o seu papel dentro da equipa leonina, «queimando-se» voluntariamente para evitar a «recolagem» de Eduardo Lopes, quando este, a 15 quilómetros da meta, ficou estatelado na estrada.

Mau dia para o Lisgás

Não teve jornada feliz nesta terceira tirada a simpática equipa do Lisgás. Aristides Paulo, que caiu na Mealhada, viu-se obrigado, sozinho, a uma perseguição inglória, de muitos quilómetros, vindo a ceder no final da etapa. Ernâni Ribeiro, este por «furos», e Pinto Ribeiro, que chocou com Lopes, também foram relegados para classificações que não traduzem o esforço despendido.

E como se a má sorte houvesse de flagelar mais duramente os novos — que já inham contra si a «dureza» de uma corrida a que não estavam habituados, também Quadros teve de abandonar, duramente tocado num punho. António Maria, a esperança lourinhense, viu-se igualmente privado de entrar na sua terra junto do primeiro pelotão, porque deu outra queda grave perto do final da tirada.

Driss mostrou a sua classe

Logo que a 20 quilómetros da chegada havia ainda no grupo da frente perto de duas dezenas de corredores, previu-se que as classificações principais da tirada acabariam por ser disputadas na embocadura da estrada.

(Continua na página 14)

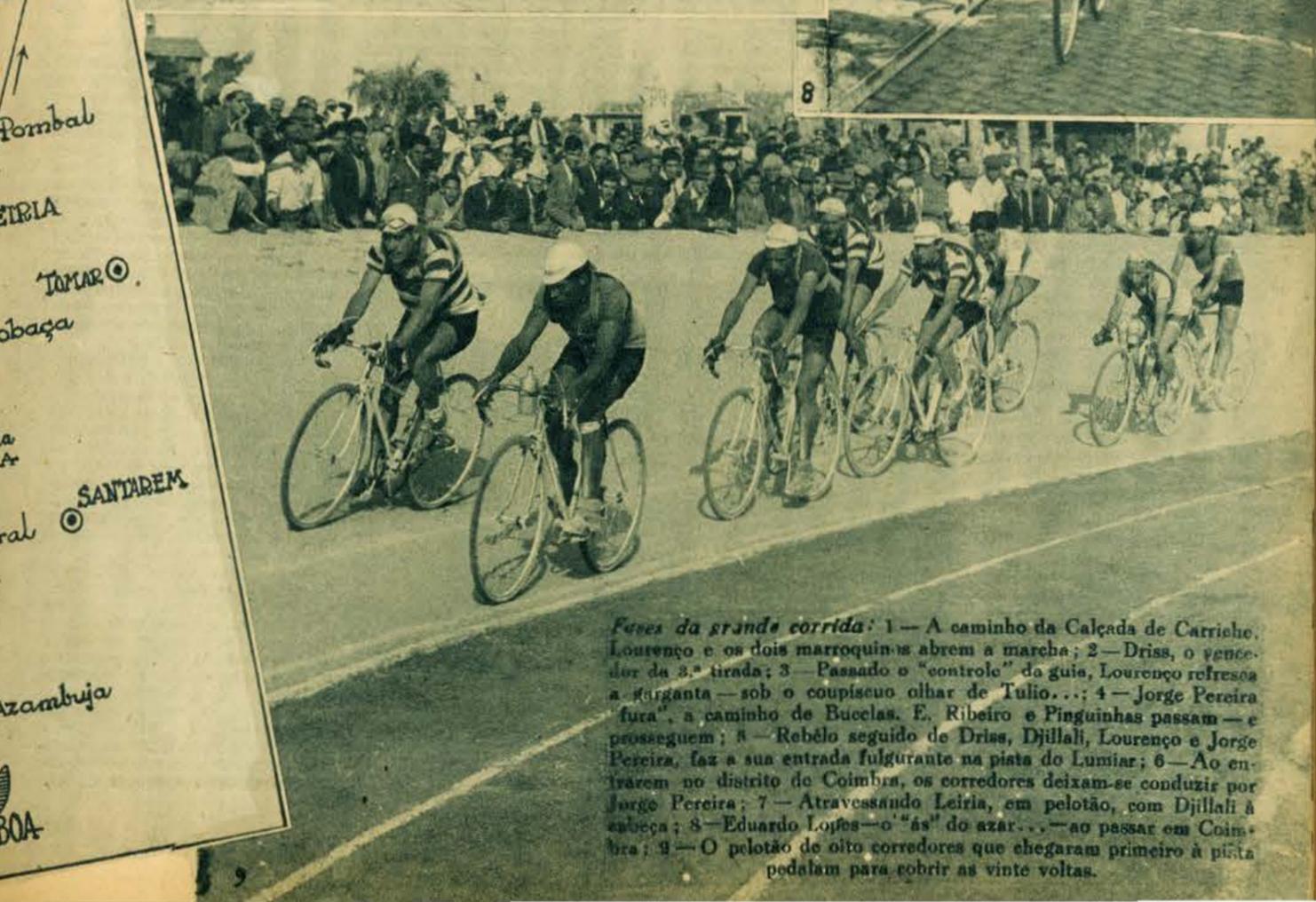
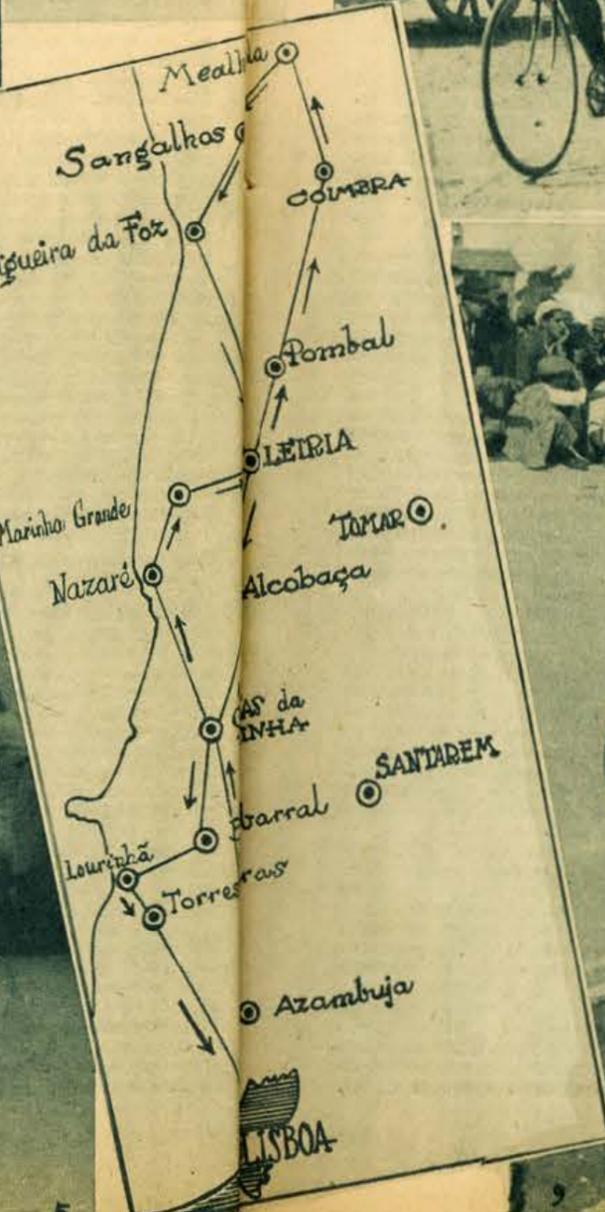
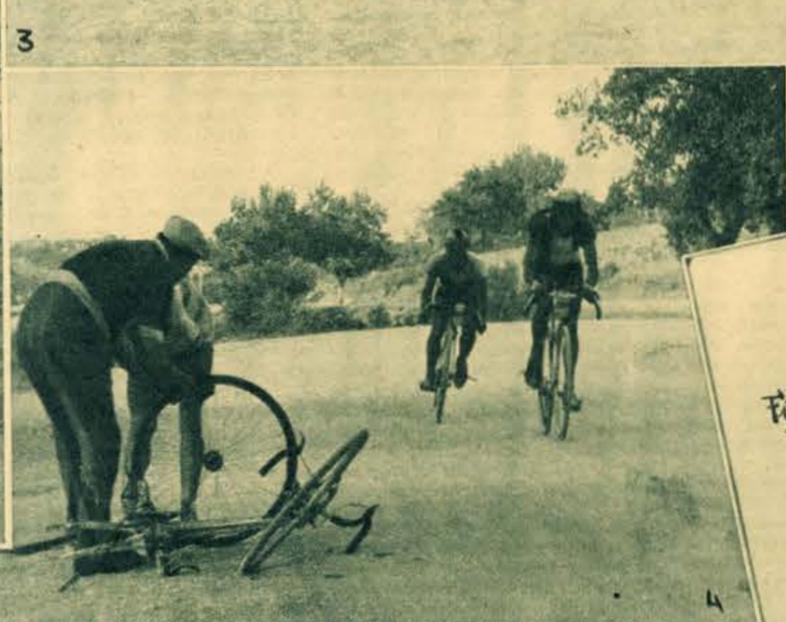
TIRO — A última prova da Legião



Grupo de graduados da Legião que disputaram a última prova de tiro promovida por aquela organização

O Circuito do OESTE

Uma organização
SPORTING • ILUMINANTE • LISBOA



Fases da grande corrida: 1—A caminho da Calçada de Carriche. Lourenço e os dois marroquins abrem a marcha; 2—Driss, o vencedor da 3.ª tirada; 3—Passado o "controlo" da guis, Lourenço refresca a garganta—sob o cúspice olhar de Tulio...; 4—Jorge Pereira "fura", a caminho de Bucelas. E. Ribeiro e Pinguinhas passam—e prosseguem; 5—Rebêlo seguido de Driss, Djillali, Lourenço e Jorge Pereira, faz a sua entrada fulgurante na pista do Lumiar; 6—Ao entrarem no distrito de Coimbra, os corredores deixam-se conduzir por Jorge Pereira; 7—Atravessando Leiria, em pelotão, com Djillali à cabeça; 8—Eduardo Lopes—o "ás" do azar...—ao passar em Coimbra; 9—O pelotão de oito corredores que chegaram primeiro à pista pedalam para cobrir as vinte voltas.

HANDBALL

OUTRA DIFICULDADE: A FALTA DE CAMPOS

O handball portuense, pelas dificuldades que lhe estão criando, vai-se tornando em problema difícil. Uma série de obstáculos tem impedido o natural desenvolvimento da modalidade. Se hoje se contem grandes êxitos na movimentação geral do «handball» nortenho, só à tenacidade daqueles que têm lutado pelo seu progresso se deve esse prestígio. Mas há limites. Não nos surpreenderá quando chegar o dia em que os verdadeiros amigos de causa, vencidos pelas dificuldades, abandonem os seus lugares, onde só têm encontrado injustas apreciações e motivos para desanimar.

A falta de uma sede própria, mais central, ponto de referência fundamental para bom desempenho da missão dos delegados dos clubes e assídua competência dos dirigentes da A. H. P.; a habitual falta de campos, um quebrar-cabeças importante, que desorganiza todo o plano dos «calendários» semanais, quer na distribuição de jogos, quer na selecção de árbitros, facto que precipite as decisões, em prejuízo da concentrada observação dos elementos directivos; a preparação

de mau ambiente para certas jornadas, quer pelo incitamento do público, quer pelo péssimo acolhimento aos árbitros; o impertinente acinte ao labor dos que têm cargos a cumprir, altitude que afugenta outros prováveis «carolões»; e agora a redução de actividade de alguns dos poucos campos usualmente utilizados,—ludo isto conduz o «handball» tripeiro para uma situação comprometedora.

Uma disposição oficial obrigou os proprietários de campos ao pagamento de determinado imposto. Alguns clubes, não podendo resgatar essa contribuição, ficam com os seus campos incapazes para a prática de desportos, prejudicando, em especial, as modalidades pobres.

Estão neste caso os campos da Belovista, do Luso e das Cavadas, que eram habitualmente utilizados pelo «handball».

A não ser que as associações regionais de «hockey» em campo e de «handball», principalmente interessadas, levantem a questão junto da Direcção Geral de Desportos, que, por certo, não deixará de as auxiliar nesse justo movimento desportivo.

O início da nova época está longe, mas é recomendável agitar já o problema.

A hora que escrevemos deve estar reunida a assembleia geral ordinária da A. H. P., para apresentação do relatório e contas da gerência de 1943-44. Não haverá eleição, por ter sido nomeada, recentemente, nova comissão administrativa.

Esta, que é presidida pelo dr. Leonardo Reis, sofrerá em breve—segundo consta—uma importante baixa: a demissão do tesoureiro, por motivos de saúde.

LUÍS MARCOLINO

GIMNÁSTICA PARA TODOS

Mais ou menos, com melhores ou piores possibilidades de êxito, as diversas modalidades desportivas encontram, de ano para ano, um terreno de cultura mais propício, no aproveitamento natural da semente lançada à terra em anos seguidos de propagação.

Assim, nos últimos tempos, algumas delas—escusamos de as sublinhar, porque são de sobejo conhecidas—têm subido no carinho e atenção do público, em termos de começarem a arregimentar e a cultivar as multidões que, em número mais ou menos elevado, acorrem aos campos para ver o seu desporto favorito. Mesmo entre as modalidades ditas de salão, o entusiasmo e o desenvolvimento subiram, revelando excepção interesse.

Entretanto, a base de todos os desportos, a sua essência, a pedra de toque das modalidades, aquilo que deve constituir o primeiro passo dado pelos atletas no caminho da prática desportiva, continua, nesta cidade, entregue unicamente à expansão e ao método manifestado por um único clube—o Sport Clube do Pôrto. Referimo-nos à ginmástica.

Há uma determinação legal que que obriga à existência de cursos de ginmástica em todos os agrupamentos desportivos. Como junctio-narem—se junctio-narem...—nada se sabe. No fim da época, nada apareceu a demonstrar que os clubes tinham, de facto, trabalhado pela ginmástica.

Parece que deverá seguir-se outro caminho...

O 39.º aniversário do F. C. do Pôrto

COMPLETOU 39 anos o Futebol Clube do Pôrto. Fundado por José Monteiro da Costa, em 1906, soube guindar-se pelos seus próprios recursos a um lugar de merecido relevo. Hoje, tantos anos volvidos após a sua fundação, o velho clube do Norte pode orgulhar-se de haver contribuído, com o seu prestígio e com o valor dos seus atletas, para que a cidade mantenha tradições firmes no campo da Educação Física.

O popular clube, mais de 20 vezes campeão regional de futebol (só o Boavista, o Salgueiros e o Leixões, um ano cada, interromperam a sua carreira) e 7 anos campeão de Portugal, tem demonstrado variadíssimas vezes o seu valor no terreno da luta, tanto contra grupos nacionais como contra estrangeiros. Foi vencedor do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, do First de Viena, campeão da Austria, do Austria, do Real Madrid, e do Betis, quando campeão da Liga de Espanha. Empatou com a selecção do Brasil—e, mesmo quando derrotado, nunca deixou ferido o prestígio do futebol português.

Noutras modalidades, o F. C. do Pôrto tem feito carreira. Tem animado como nenhum outro as competições desportivas nortenhas. Veja-se: campeão do Pôrto e de Portugal de «handball»; campeão do Pôrto em «hockey» em campo; campeão do Pôrto, em «volleyball»; campeão do Pôrto em juniors (futebol); excelente categoria em «basket», atletismo, ciclismo, «lennis» de mesa, natação, pugilismo e patinagem. Quere dizer: não pode falar-se do desporto portuense, em qualquer modalidade, sem recordar o seu clube n.º 1.

Deve lembrar-se, nesta data festiva, a sua esforçada acção. E é pena que não possamos felicitá-lo pela conquista de uma regalia que bem merece: o seu Estádio. E' justo que as forças vivas do Pôrto e as próprias entidades oficiais acarinhem a sua pretensão. A maneira digna como se tem esforçado não poderia ser compensada de melhor maneira ao cabo de quasi quarenta anos de propaganda da sua terra e do país!

Mosaicos nortenhos...

OS CICLISTAS portuenses continuam a prestar o seu concurso às provas organizadas em Lisboa—e sabe-se que o têm feito de modo a agradar inteiramente ao público de capital. No Pôrto, entretanto, não se promovem provas—e a pista do Lima continua «às moscas»...

Segundo corre com insistência, o F. C. Pôrto julga-se mal tratado e não está disposto a entrar em negociações—pelo menos enquanto não lhe resolverem um «caso»: a entrega de uma taça ganha no prova Pôrto-Vila Real-Pôrto.

BARRIGANA, que o F. C. do Pôrto tornou conhecido, tem sido «tentado» por vários clubes do sul. Agora—já serve aos quadros de primeira categoria...

Nos últimas semanas, segundo é vez corrente, Barrigana ausentou-se do Pôrto, em direcção a Lisboa, mas o popular campeão portuense não parece disposto a entender «caprichos». É ainda bem. De resto, os atletas que procuram seguir por determinados caminhos só se prejudicam.

IMPRESSIONOU favoravelmente a opinião da crítica lisboeta sobre o trabalho do grupo de «basket» do F. C. P., em Lisboa, contra o Belenenses. Ao grupo, de facto, falta um pouco de propaganda. Não o tem lido, infelizmente. Todavia, o F. C. P., pela sua admirável projecção nas coisas de desporto, continua a ser o melhor cartão de lódes as bilheteiras...

SERAFIM, jogador de futebol do Boavista e de «basket» do Vasco da Gama, também foi abordado por um clube de Lisboa. Mas que coisa! Deixem os rapazes onde estão!... Criem jogadores e deixem trabalhar quem trabalha!

O ESTÁDIO DO LIMA vai receber melhoramentos, principalmente na parte elevada do campo de futebol. Isto é de extraordinária importância. O Lima, mal tratado, cheio de covas, que uma relva irregularíssima esconde aos olhos do jogador, constituía autêntica armadilha para qualquer grupo. O número de lesões ali verificadas na época finda denunciavam claramente o mau estado do terreno.

OS CLUBES DO PÔRTO, reunidos na sua Associação, também não concordam com o aumento da 1.ª Divisão Nacional para 14 clubes. Tal como acontece em Lisboa. Os campeonatos regionais devem manter-se, embora possa eliminar-se a disputa de «Taça de Portugal».

De facto, as receitas sofreriam rude golpe com o sistema que se pretendia e todos reconhecem que os principais clubes não podem esquecer-se desta «pequena coisa».



O grupo de «volleyball» do Futebol Clube do Pôrto, campeão regional da modalidade

Ainda sobre o Concurso Hípico

Concluídes as provas hípias disputadas este ano sob o égide do Centro Hípico do Pôrto, são oportunos alguns breves comentários.

É bem verdade que os apaixonados do hipismo não tiveram este ano o prazer de ver em piste os nossos grandes representantes, ausentes em Espanha. Mas não seria justo esquecer que, entre aqueles que se apresentaram no campo da avenida Epitácio Pessoa, alguns se revelaram como excelentes «colômbos» — isto quanto aos novos, aos brilosos alferes que deram, na generalidade, boa conta de si.

Recordemos as dificuldades vencidas e reconhecemos que as provas foram dignas de admiração do público, que ocorreu ao campo em número animador.

Consta que vai haver um novo terreno para as provas, falando-se na Prelada. Se assim for, bom será, pois o actual não está em condições. Os obstáculos têm de ser nivelados com calços, visto o terreno ser a descer, o que prejudica o esforço dos cavalos.

Fazemos votos por que tal facto seja uma realidade e que o novo campo — se se confirmar o que ouvimos — preencha melhor o fim a que é destinado.

Nada... pela natação

A natação no Pôrto está a ser a completa negação da palavra... porque a natação não nada em boas águas, porque não há nada sobre ela...

Fêz-se em tempos uma reunião dos clubes praticantes da modalidade e todos esperavam que se entrasse num caminho de realidades práticas. Verifica-se, porém, contra todos as perspectivas, que tudo está na mesma. Quere dizer, vamos passar a época tal qual como no ano passado. Só se o Gallitos fizer qualquer coisa; de contrário, a natação no Pôrto será um mito.

É triste, mas é assim mesmo...

Por que razão não aparecerá alguém que tome a peito este Desporto e o encaminhe para a vida? Não haverá na capital do Norte meia dúzia de dedicados?

Fica a interrogação...

As futuras provas oficiais de futebol

Em alguns sectores do meio desportivo portuense está agitado o problema das novas bases em que serão disputados os torneios de futebol, na próxima época. Alguns clubes têm feito já declarações públicas sobre o assunto e em todos elles há como que unanimidade de vistas em condenar o projecto sob diversos dos seus aspectos.

Sabemos que a entidade dirigente do futebol regional está dedicando cuidadosa atenção ao assunto.

O caso é de molde a merecer o estudo aturado que é indispensável, pelo que é também de esperar que se consiga qualquer coisa de útil para a modalidade.

PORTUENSES: ASSINEM A «STADIUM»

Vamos a trabalhar desportistas da provincia?

As instalações dos clubes da provincia, salvo raríssimas excepções, deixam bastante a desejar. Bem se sabe que os agrupamentos provincianos, não contando com massas associativas volumosas e receitas firmes, não podem entregar-se à construção de estádios ou sequer de campos modestos. Mas está no programa do Estado a concessão de regalias que chamem a juventude à pratica dos exercicios fisicos.

Que assim é demonstra-o facilmente a admirável ajuda que algumas Câmaras Municipais têm dado a vários agrupamentos desportivos. Há diversos exemplos. Viseu possui o magnifico Estádio de Fontelo, campo excelente para a prática do futebol, cavado na cêrca de um parque adorável. Junto ao campo, tem um «rink» de patinagem; na retaguarda de uma bancada que chega para as necessidades, existem dois «courts» de «tennis». E muito mais se poderia fazer ainda em Fontelo.

Aveiro orgulha-se também do seu Estádio Mário Duarte, instalado igualmente em lugar aprazível e de diversão. O esforço deve-se igualmente à dedicação do seu Município. Braga anuncia-nos, prazenteira, a construção do seu Estádio Provincial, e sabe-se que as entidades officias, de alma e coração com a idéia, acompanham dedicadamente os projectos do seu principal clube. Em várias cidades e algamas vilas, as Câmaras Municipais contribuem com o seu auxilio ou adesão pronta para aligeirar as dificuldades dos clubes que trabalham e procuram chamar a mocidade aos campos de jogos.

E porque não há-de ser assim?

Os campos de jogos, não diremos com tôdas as comodidades modernas, mas, pelo menos, próprios para a prática de modalidades mais ao alcance de cada população, devem estar nos programas de iniciativas officias ou camararias. Mas é evidente que a regalia só poderá ser concedida quando cada núcleo tenha dado provas seguras da sua importância desportiva. Se todos se esforçarem, portanto, não será difficil chegar a esta solução: um campo em cada município!

A boa vontade de uns e de outros, e não só a boa vontade como o próprio reconhecimento das necessidades do desporto nacional, hão-de fazer o milagre. Os centros de cultura fisica são tão precisos e tão urgentes como os de cultura moral. Não podem os desportistas, claro está, «encostar-se» comodamente aos auxilios particulares. Devem colaborar na construção do «seu edificio» — neste caso o parque de jogos, onde não deve faltar a pista para o atletismo, a piscina, o gymnásio...

— E como? — poderá perguntar-se.

Bem facilmente, afinal. Se elevarem o bom nome da sua terra à força de muita dedicação pelo desporto, não faltarão por certo a ajuda de pessoas que tenham os olhos claramente postos nas suas attitudes.

Vamos a trabalhar, desportistas da provincia?

CAMINHA — Stadium publicou há semanas uma série de considerações sobre a actividade admirável do Sporting Clube Caminhense — e todos os desportistas desta vila apreciaram o modo justo como foram julgadas as qualidades dos seus representantes, amplamente demonstradas na prática do remo.

Os louvores da Stadium são merecidos. A despeito de muitos

As referências da STADIUM ao Sporting Clube Caminhense

foram aplaudidas pelos desportistas locais

sacrificios, visto que o S. C. Caminhense é pobre e vive exclusivamente da quotização dos seus associados e de algum auxilio da Camara Municipal, tem conse-

demonstra-nos que o atletismo está ao alcance de todos os clubes

A vila de Amarante está debruçada sobre um lindo rio: o Cávado. E assenta-se aos pés de uma serra áspera mas bonita: a do Marão. Vila caracteristicamente nortenha, meio dariense, quasi paredes meias com o Alto Douro e o adorável Minho, — parece centro destinado à prática do Desporto puro, amador, são, como a vida do seu grande António Cândido, figura inesquecível de orador, voz que se ergue ainda hoje nas escarpas da serra ou nos muros do concelho, que soube cantar como nenhum outro.

Pois em Amarante, leitores amigos, trabalha-se deveras. Não se pense que o futebol seja apenas o desporto adaptável aos centros mais escondidos, corograficamente collocados a uma grande distância da cidade. Há vários exemplos: Caminha no remo, Sangalhos no ciclismo, Alhandra na natação, Sintra no «hockey» em patins...

Na linda vila do Douro Litoral, domina a vontade, o proposito de fazer atletismo. Admirável. É de aplaudir a mãos ambas esta excelente demonstração de simpatia por uma modalidade popular e útil ao revigoreamento fisico.

Ainda agora, segundo já se disse na Stadium, promoveu o Amarante F. C. um torneio entre atletas janfiores, idos do Pôrto e de Braga. O seu clube principal esteve presente, capaz, tal como já se exhibia nos campeonatos do Pôrto. Não se chama a isto — trabalhar cuidadosamente? Assim nos parece. Amarante começa a impor-se na prática do atletismo e, serenamente, dando tempo ao tempo, poderá apresentar-se nas competições nacionais, sem re-

(Continua na página 15)



O «team» de honra da Associação Desportiva Valecambrense, dos melhores agrupamentos de 2.ª divisão de A. F. Aveiro

guido o já popular agrupamento impôr-se às colectividades mais fortes na prática do remo. A boa vontade permanente dos seus sócios e atletas contagiou algumas figuras gradas de Caminha.

O dr. Dantas Carneiro, presidente da Camara Municipal, sempre que pode, vale ao Caminhense com as suas nobres ofertas. A generosidade de alguns sócios dedicados tem igualmente pesado nos momentos dificeis. Um exemplo digno de ser apontado: o de Manuel Augusto Fernandes, sócio dedicadíssimo.

O que não tem feito este caminhense!...

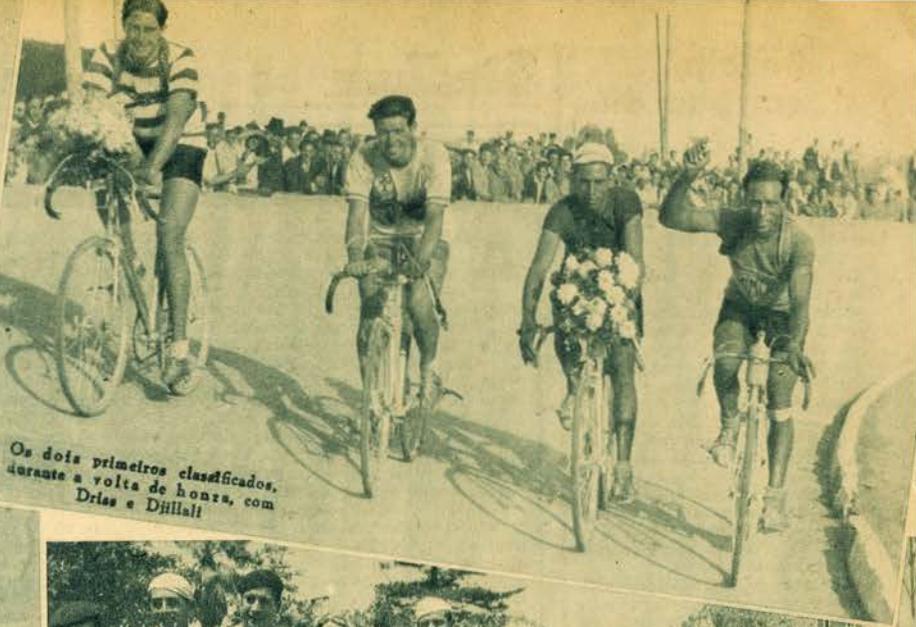
E lembremos mais uma vez os remadores do Sporting. Do seu brio, do seu espirito de sacrificio, do seu incontestado valor, — têm dado sobejas provas. O desporto caminhense tornou-se conhecido, admirado, graças à sua actividade. Por isso mereceram as referências da Stadium. E por isso merecem agora mais estas palavras de satisfação e de incitamento.

REIS MARTINS

IMAGENS DO CIRCUITO DO OESTE



Concluídas as 30 voltas à pista do estádio do Lumiar, Lourenço, num bom sprint, é o primeiro sobre a meta



Os dois primeiros classificados, durante a volta de honra, com Dias e Diillali



A equipa do Desportivo da Iluminante, 2.ª classificada



A equipa do Sporting, vencedora colectiva



Os quatro corredores mais rápidos



Os quatro 1.ºs na «americana» disputada na Marinha Grande, entre corredores locais



Gaspar Paulo, que fez uma excelente prova



Durante a recepção a dirigentes e jornalistas da Câmara Municipal de Lourinhã



A entrega de prémios na Marinha Grande. Paul Oliveira, director do «Mundo Desportivo», profere o seu discurso

Stadium na PROVINCIA



LEITORES DA PROVINCIA: Sempre que lhes interesse ver publicada uma g avura referente a um acontecimento desportivo da vossa região; enviem-nos uma boa fotografia. Dar-lhe-emos o melhor acolhimento.

VISEU: 1 — A equipa do Grupo Desportivo da Balsa. **SESIMBRA:** 2 — O grupo de honra do União Futebol Sesimbra, grande animador do campeonato da A. F. Setúbal, na 2.ª Divisão, núcleo de Almada, na qual se classificou em segundo lugar. **MELGAÇO:** 3 — O Grupo Desportivo Comercial. **ALCOBAÇA:** 4 — O 1.º team do Clube Desportivo Comércio Indústria. **LORIGA:** 5 — A equipa do Grupo Desportivo Loriguense. **JOGADORES DE FUTEBOL POPULARES NA PROVINCIA:** 1 — Bernardt Hetty, defesa direito do Académico da Póvoa; 2 — Oliveira Neves, defesa esquerdo do Mamarrosa F. C.; 3 — Vítor Baptista, interior esquerdo da A. D. Valecambrense; 4 — Manuel Soares, defesa direito do Sporting C Bustelo; 5 — Américo Rezende, interior direito do União de Lamas; 6 — Manuel Neves, interior esquerdo do Mamarrosa F. C.; 7 — Alcídio Margáça, defesa direito do mesmo clube; 8 — António Simões, médio centro dos Azuis de Bustos; 9 — M. João Graça, extremo direito do Académico da Póvoa; 10 — António Campos, «back» da A. D. Valecambrense.



O 11.º «record» de FRANCISCO BASTOS

O dia de domingo passado foi muito pouco favorável para os grandes esforços atléticos. A temperatura era verdadeiramente escaldante sob os raios directos do sol, com atmosfera abafada e pesada — e os corredores sentiam dificuldade tanto maior em respirar quanto mais se ia alongando o percurso.

Pois apesar disto foi-nos dado assistir na prova de maior percurso, dois quilómetros, a uma excelente proeza desportiva, que levou à queda de um «record» nacional e pôs em evidência o brio, a classe e a boa forma de dois dos melhores atletas portugueses de todos os tempos.

Francisco Bastos e João Silva superaram ambos a marca nacional de Pires de Almeida, alcançada no Porto, no decurso de uma tentativa de 3000 metros; o primeiro conseguiu batê-la por dois segundos, em 5 m. 47,6 s., e o segundo terminou em 5 m. 48,7 s.

A corrida teve grande interesse e foi habilmente conduzida pelos dois dignos adversários; Oliveira e Silva guiou a primeira volta em 1 m. 4 s., sendo depois substituído por João Silva, a quem convinha manter andamento rijo, na esperança de descolar Bastos ou, pelo menos, minorar-lhe as condições de embalagem final, a que sabia não poder resistir.

O sportinguista, porém, seguro dos seus recursos, acompanhou-lhe sempre a passada, com 1 m. 5 s. na segunda volta, 1 m. 7 s. na terceira, 1 m. 8 s. na quarta, arrancando irresistivelmente ao encetar o último circuito. Tempo da quinta volta, 1 m. 3 s., com mais 22,6 s. para os cento e cinqüenta metros finais.

Francisco Bastos impressionou muito agradavelmente; está em ótima condição física, passada fácil, ampla — mas sem exagero fatigante — possante embalagem, que mantém sem desmanchar o estilo durante os trezentos e sessenta metros de uma volta de pista.

João Silva, com a passada naturalmente mais curta, devido à sua menor estatura, mas de excelente mecânica e ritmo, animou a prova com a sua decisão e triunfou, afinal, nos seus propósitos, visto também haver ultrapassado o «record»; a distância é curta para as suas possibilidades e devia tentar ainda esta época as marcas dos 8000 aos 5000 metros, que consideramos ao seu alcance.

Das restantes provas, em que o Benfica luziu mais na generalidade, pois ganhou as três estafetas e o salto em altura, cedendo apenas o lançamento do dardo e o salto em comprimento, destacamos a corrida de barreiras, 8 x 88m., na qual o terceiro «encarnado» Eleutério-Ferreira-Martins Vieira melhorou para 35,8 s. o mínimo (que não figura como «record» português).

Nas estafetas 4 x 200 e 4 x 800 m., na primeira das quais o Sporting nem sequer compareceu e na outra apresentou uma equipa de recurso, onde até Afonso Marques foi incluído, os homens que deram melhor impressão foram Eleutério-

rio (200 m. em 22,7 s.), Matos Fernandes e Jorge Azevedo (800 m. em 2 m. 6 s.).

A prova de dardo foi fraquíssima; o vencedor alcançou apenas 41 m., mostrando completa falta de treino, sinónimo de desinteresse incompatível com as responsabilidades de quem pretende ser campeão.

Os concursos de salto foram como de costume. Alvaro Dias continua com a corrida mal medida e, desta vez, prejudicadamente dos ensaios por cair mal; Sousa Dias e João Durães transpuseram de novo 1,75 m., mas na altura superior — que só o segundo tentou — todos os ensaios foram desastrosos, por falta de confiança e conseqüente alteração no estilo.

Na organização do festival houve um pormenor importante, que já em anteriores sessões tem falhado, de maneira a merecer severa crítica. Desta vez não a queremos deixar em silêncio, a ver se a remediaram: trata-se do anunciador pelo alto-falante.

Enganos freqüentes, explicações que não explicam nada e vêem fora de tempo, terminologia não apropriada, em resumo, uma verdadeira desgraça! Assim não!

NOTÍCIAS DA AMÉRICA

Em Novembro de 1944 recebemos com surpresa da América, em papel timbrado oficial da «Amateur Athletic Union» dos Estados Unidos, uma carta de um dos membros dirigentes daquele alto organismo, o sr. Joseph Truhling, solicitando que lhe enviássemos elementos estatísticos sobre a vida passada e presente do atletismo português.

O remetente dizia-se amigo de António Calado e por sua indicação se nos dirigia. Em Janeiro passado enviámos a lista de efemérides dos «records» nacionais e o rol dos campeões; só agora, há meia dúzia de dias, recebemos resposta agradecida e solicitação de novos elementos (os dez melhores resultados portugueses, por exemplo), manifestando vivo apreço pelos progressos recentes dos nossos atletas, onde se afigura ao sr. Fruhlnig aperceber a garantia de excelentes facultades, que conduzirão em breve, e com treino apropriado, à obtenção de marcas de classe internacional.

Recebemos também a lista dos campeões americanos e sul-americanos das épocas passadas, que nos servirão para próxima crónica na *Stadium*.

SALAZAR CARREIRA

O SOL NAS PRAIAS

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradabilíssimo — principalmente se se dispuser de um dos optimos toldos da Fábrica Portuguesa de Eucrerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 75, e no Cais de Santarém, 66 — telefones 24085 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género — uma das suas especialidades.

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 18 de Julho

Os touros da Casa Palmela não corresponderam ao que deles esperavam os toureiros e o público, atendendo à suavidade e nobreza do curro, da mesma procedência que o ano passado proporcionou a Manolete um êxito retumbante.

O melhor lote (segundo e sexto) correspondeu a Domingo Ortega, que toureou a seu estilo, castigando e dominando, para acabar com uma série de desplantamentos de emoção e beleza que devem caracterizar a Festa. Mas o público gosta daquilo... e o «maestro» faz-lhe a vontade e recolhe as ovações. Ortega é ainda hoje, incontestavelmente, o toureiro que melhor conhece o toiro e o domina com mais facilidade, mas teríamos alguma coisa a dizer se nos fosse dado criticar aqui a sua forma de fazer «passar» o inimigo ou de «passar» ele próprio.

A Silvério Perez tocaram dois dos touros menos lidáveis, em especial o terceiro, que não passava e se vencia declaradamente pelo lado esquerdo. O mexicano, impossibilitado de emocionar com os «derechazos» que lhe criaram justa fama, andou com excessivas precauções e aligeirou como pôde o seu trabalho. Com o capote tirou alguns «parones» de grande efeito e emoção.

Carlos Arruza, convalescente de uma colhida grave, apresentou-se com visível falta de facultades, tendo de lutar com dois mansos e um «sobrero» ainda mais manso, de que era impossível tirar partido. Proporcionou-nos, no entanto, o melhor da noite, ou sejam dois pares de bandarilhas, o primeiro traseiro, de tanto consentir, e o segundo enorme, além de alguns soberbos passes com a direita, obrigando a investir o quarto toiro como só os grandes mestres o sabem e podem fazer.

O cavaleiro Murteira Correia esteve bem no primeiro e feliz no remate da lide do 5.º toiro, com dois pares de bandarilhas a duas mãos.

Brega inteligente e acertada de espanhóis, mexicanos e portugueses.

J. E.

O «Circuito do Oeste»

(Continuação da pág. 7)

balagem final. Assim sucedeu, mas desta feita o triunfo coube ao simpático marroquino Driss, que num magnífico e bem ordenado esforço pôde bater Lourenço e Jorge Pereira, ambos a digladiarem-se numa luta de certo modo emotiva durante perto de 300 metros.

Pena foi, sobretudo para os desportistas da Lourinhã, que Eduardo Lopes não tivesse tomado parte na luta, pois uma nova queda tinha-o afastado do pelotão da frente. Mas para superar essa falta houve ainda a valorizar o final da terceira etapa uma série de excelentes ataques de Aristides, uma soberba perseguição de Lopes e António Maria e, em complemento, uma conduta disciplinada, entusiasta e acolhedora de alguns milhares de lourinhanenses, que fizeram com que a chegada à sua região ficasse constituindo um dos melhores espectáculos que o ciclismo tem proporcionado.

Extraordinária final de prova

Em face das dificuldades da etapa antecedente, não se supunha que a última tirada, Lourinhã-Lisboa, viesse a ser muito disputada, tanto mais que o tróço final do percurso era bastante acidentado. Todavia, esta caminhada constituiu das mais belas provas dos últimos tempos e foi digno desfecho de uma competição de tão elevado valor desportivo como esta.

Ao regular e brioso sportinguista Aristides Martins se deve, em grande parte, o brilho da etapa. Este corredor isolou-se ainda no circuito da Lourinhã, com o fim de conquistar um dos prémios ali instituídos.

A fuga do sportinguista provo-

cou o desmembramento do pelotão e durante largo tempo a tirada parecia estar a disputar-se contra relógio.

Apesar de terem de vencer rampas fortes, como são as subidas das Lombas e do Sobral da Arruda, os 13 concorrentes do primeiro pelotão mantiveram-se agrupados, ou recolaram após as avarias que sofreram — menos José Ferreira, que desistiu por queda, e Mahomed, que não agüentou a marcha.

Na embalagem final tomaram parte, assim, os marroquinos Driss e Djillali; os sportinguistas Lourenço, Rebêlo, Mourão e Aristides, este depois de valiosa perseguição; Manuel Rocha e Jorge Pereira, do D. Iluminante, ambos por longo tempo atrasados por avarias; os portugueses Aniceto Bruno e Jorge Moreira; e o sangalhanense David Silva, que nesta tirada, apesar de correr com pneus, ombreou honrosamente com os consagrados, depois de ter feito a sua melhor prova.

João Lourenço, numa embalagem possante e longa, ganhou a etapa, seguido de Jorge Pereira e Jorge Moreira, que nos últimos metros bateram Driss. Depois classificaram-se Aristides, Mourão, Rocha, Djillali, Aniceto, David Silva e Rebêlo.

Houve nesta etapa profundas modificações na classificação geral, sendo uma delas a sofrida por Gaspar Paulo, no domingo em maúdia, que passou de segundo para oitavo lugar.

E nas desistências desta tirada há a lastimar a de Eduardo Lopes, que, muito magoado da queda da vespera, se viu forçado a abandonar, assim como A. Jacinto, José Ferreira, Baltasar Rocha, Manique e Albuquerque.

GIL MOREIRA

Com grande entusiasmo os nossos leitores

elegem o melhor jogador de futebol da época de 1944/1945

O brío clubista dos adeptos do Benfica e do Sporting travam um duelo no desejo de colocarem à frente FRANCISCO FERREIRA ou FERNANDO PEYROTEO

CAUSOU o maior entusiasmo entre os leitores da STADIUM o inquérito que lhes proporcionámos, com o fim de se pronunciarem sobre qual o jogador que, no seu entender, foi o melhor da última época de futebol. Diariamente chegam à nossa redacção verdadeiras catadupas de votos, provenientes de Lisboa e de toda a província.

Todos os votantes falam do desejo de verem o seu ídolo aplaudido, mais uma vez, entusiasticamente, quando lhe for entregue a taça que STADIUM oferecerá ao vencedor, durante a festa desportiva a efectuar oportunamente, como já annunciámos.

Até ao momento em que fechamos a paginação deste número, o apuramento — cada vez mais laborioso — fornece o resultado seguinte:

Francisco Ferreira	819 votos	Rafael	3 votos
Peyroteo	746 »	Rosa	3 »
Gomes da Costa...	106 »	Gaspão Pinto...	3 »
Feliciano	32 »	Catolino	3 »
Manuel Marques...	14 »	Rogério França...	2 »
Espírito Santo...	8 »	Pinga	2 »
Azevedo	7 »	João Tavares...	2 »
Capela	7 »	Amaro	1 »
Cardoso	5 »	Arsénio	1 »
Quaresma	5 »	António Maria	1 »
Manuel Montez...	5 »	Francisco Rodrig..	1 »
Alberto Gomes...	4 »	Barrigana	1 »
Cobrita	3 »	Carado	1 »

As nossas separatas

POR motivos estremos à nossa vontade, fomos forçados a alterar a ordem de publicação anunciada para as nossas séries sucessivas de SEPARATAS. Assim, começa já neste número a inclusão das folhas soltas com os EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS de Portugal, rigorosamente impressos a CORES.

Ainda não recebemos de muitos clubes os desenhos dos seus emblemas, que poderão todavia ser-nos enviados.

Chamamos a atenção dos interessados para a necessidade dos desenhos serem perfeitos, pois alguns em nosso poder não podem ser reproduzidos, devido ao facto de se encontrarem confusamente apresentados.

BREVEMENTE:

A 1.ª separata da «Biblioteca da STADIUM»

Tricromia com o onze do SPORTING, vencedor da «Taça de Portugal».

Tricromia com a equipa de «basketball» do BELENENSES vencedora dos principais torneios da época.

NA PRÓXIMA SEMANA:

2.ª folha da série de EMBLEMAS

ESGRIMA

(Continuação da página 3)

resultado 4-4 e 22 t. r. — superior ao de Arménio Lopes.

Arménio Lopes ocupa o 4.º lugar com o resultado efectivo de 4-4 e 23 t. r. — que nunca poderá ser igualado por António Coito, que, mesmo com mais uma vitória a zero, ficaria com 4-4 e 24 t. r.

Para os outros lugares bastam os resultados efectivos, que fornecem a classificação seguinte: 5.º — António Coito; 6.º — Vasco do Couto; 7.º — Meio e Castro; 8.º — H. Silveira (respeito pelo resultado adquirido, segundo o justo preceito regulamentar, pôsto que o director dos combates reconheceu ao brilhante atirador a impossibilidade de se manter na prancha, embora sem direito a essaltes suplementares desde que abandonou a prova e

ficando classificados depois de todos com quem tivesse de jogar esses essaltes); 9.º João Sasseti.

Com tempo e espaço — e a propósito da classificação de João Sasseti, por exemplo — havemos de falar ainda de quanto pode ter de discutível o processo por que se estabelecem entre nós classificações de torneios em que há «handicaps».

«Taça Mestre António Martins»

Está marcada para hoje, às 18-30 horas, no jardim do Automóvel Clube de Portugal, a disputa da «Taça Mestre António Martins», belo troféu instituído pelo Centro Nacional de Esgrima para perpetuar a memória do seu sábio fundador e brilhante mestre.

Além dos nossos melhores esgrimistas, deve concorrer o forte atirador italiano Carlos Agostoni, que foi campeão olímpico e da Europa e que se encontra há tempo entre nós.

CONCURSO HIPICO DE TOMAR

No aprazível Mouchão Parque, nas margens do Nabão, realizou-se há dias um curioso festival hípico, no qual presidia o general comandante da 3.ª Região Militar. Foi enorme a assistência, que seguiu com vivo interesse as quatro provas disputadas, entusiasmado-se com os percursos e revelando aquela popularidade que o hipismo está a registar no nosso país.

A prova «Discípulos», que reñida fillada da «Mocidade Portuguesa», terminou com boa vitória de um jovem cavaleiro de Castelo Branco e a «Gimkhana» foi ganha pelo par formado por D. Maria Luisa Canha e alferes Vasconcelos Pôrto.

D. Helena Fortes, na «Beduína» — conjunto vencedor da competição de «Amazonas» do Concurso de Cascais do ano findo — voltou a triunfar na prova reservada a senhoras, depois de um bonito percurso. Nos lugares imediatos classificaram-se D. Ica Seabra e D. Neila de Arriaga, que revelaram de novo magníficas qualidades.

A prova mais importante, denominada «Câmara Municipal de Tomar», foi disputada em seis «barrages» sucessivas, tendo terminado com a vitória de Kaulza Arriaga, na «Último», seguida de Sampaio Nobre, na «Beduína», e de Joaquim Matias, na «Xadrez».

O obstáculo de altura estava a 1,80 m. na última «barrage».

Amarante

(Continuação da página 11)

cejo de ficar mal aos olhos de comentaristas exigentes.

Prova-se que os pequenos centros também podem esforçar-se e aparecer no primeiro plano. E' tudo uma questão de boa vontade, — que não tem faltado, felizmente, na linda vila de Amarante. Stadium rende-lhe por isso as suas homenagens.

Apontando a sua esforçada actividade, pretende a nossa revista estimular os desportistas das vilas e pequenas cidades de Portugal. Faça-se um movimento «pró-desporto». Se nem todas as vilas possuem capacidade para preparar bons grupos de futebol, não quer este dizer que não possam aparecer representantes suas no patinagem, natação, ciclismo, basket, volley ou atletismo. Ou na gymnástica.

Amarante possui um bom rio e bom local para a natação. Revelou-se o clube da vila no atletismo provinciano, visto que já obteve campeonatos do Norte, em luta com o F. C. do Pôrto, Académico do Pôrto e de Braga. Pois esperemos que faça o mesmo em natação. Pouco poderá custar a um agrupamento tão zeloso e a uma população que ampara dedicadamente todas as suas iniciativas no campo desportivo.

Assine a STADIUM

NATAÇÃO

Na primeira jornada dos torneios regionais

o Estoril-Pracia conquistou a maioria dos títulos

A primeira jornada dos campeonatos regionais foi bem a jornada do Estoril-Pracia. Das quinze provas disputadas a colectividade da Costa do Sol ganhou dez. Ao Al-gés e Dafundo couberam três títulos e ao Alhandra e ao Belenenses um cada. Assim ficaram distribuídos os títulos; vejamos as provas.

Os seniores corriam três provas, onde destacaremos: o emocionante duelo travado entre Maia Gomes e Óscar Cabral, nos 100 metros-livres; a magnífica vitória de Artur Mendes Silva nos 200 metros-bruços, a confirmar qualidades demonstradas anteriormente, sem que com isso se esqueça a prova de Silva Marques; e a energia e voluntariedade de Baptista Pereira nos 1.500 metros-livres. Acentue-se, no entanto, que os «tempos» obtidos pelos seniores não passam de regulares. O de Artur Mendes Silva (3m. 4s. 9/10) é francamente prometedor.

Entre os juniores, Belmiro Santos averbuo dois títulos com inteira justiça: nos 100 (1m. 10 s. 1/10) e nos 1.500 metros-livres (23m. 52s. 4/10). E Carlos Azevedo Júlio, destacado, foi o campeão de 200 metros-bruços (3m. 13s.) — com verdadeira autoridade.

A rivalidade entre Jeremias Simão e Guilherme Patrone é uma das atracções das provas de principiantes.

O duelo de domingo, em 100 metros-livres, foi belo e emocionante. Em consequência disso, os «tempos» foram francamente bons: 1m. 7s. 1/10 e 1m. 8s. 2/10, respectivamente.

A nota sensacional deu-a Ana Linheiro, baixando para 1m. 22s. 6/10 o «record» nacional dos 100 metros-livres juniores, que desde 1943 pertencia a Maria de Lourdes Bessone Basto com o «tempo» de 1m. 28 s. Além disso, Ana Linheiro igualou o «record» nacional absoluto da distância, que foi estabelecido em 1938 por Maria Gourinho. Na primeira oportunidade...

Hely Heyman continua a progredir com toda a regularidade. Domingo, nos 100 metros-livres seniores, obteve, para o nosso meio, marca de valor excepcional: 1m. 17s. 5/10. Dá gosto vê-la nadar como o faz — em «souplesse» deslizando admiravelmente.

«Flecha»

A MELHOR BICICLETA!

Ano III — II Série — N.º 138
Lisboa, 25 de Julho de 1945

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:

Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de

NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Stadium

O DOMINGO desportivo



ATLETISMO: 1 - A equipa do Benfica que estabeleceu novo «record» dos 3x35 m. barreiras; 2 - Artur Dias, do Sporting, na chegada dos 800 m.; 3 - O grande corredor Francisco Bastos bata a seu 11.º «record» nos 3.000 metros. **NATAÇÃO:** 4 - Ana Linheiro, do Belenense, nova «recordwoman» dos 100 metros livres. **CICLISMO:** 5 - A equipa do Desportivo da Iluminante, vencedora da corrida de perseguição para amadores. **REMO NO PORTO:** - O Galitos de Aveiro alcançou brilhantes vitórias. As suas equipas: 6 - «Out-rigger» de 4 (seniores), que conquistou a taça «Labor et Libertas»; 7 - «Out-rigger» de 8 (seniores), vencedora da taça «Grande Prémio da Exposição Colonial»; 8 - A equipa de «out-rigger» de 8 (seniores) que venceu na disputa da taça «Casino da Póvoa».

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compra-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver coisa sua não é preciso flador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não paga luxo